



**ESP** Espaço  
Público

**PSp** Public  
Space

**1**

**A Cidade como Sistema**

**Invisible interstices: from social buffers to transformative potentials**

**Espaço Urbano e Densidade: lições da pandemia**

**Espaço público e as temporalidades da paisagem: caminhos para a biodiversidade urbana e noturna**

**Relações de poder no fazer-cidade em torno da reforma da orla da Barra, em Salvador - Bahia (2013-2017)**

**"Caminhos do Romântico" no Porto e os Impactos na Percepção Ambiental com a Implementação da Ponte Ferreira: Uma perspectiva da Neurociência Aplicada ao Urbanismo**

**A qualificação do espaço público na Área Metropolitana de Lisboa (1998-2023): peças de um Atlas, hipóteses para um projeto metropolitano**

**A Cidade como Sistema**

**Invisible interstices: from social buffers  
to transformative potentials**

**Espaço Urbano e Densidade: lições  
da pandemia**

Espaço público e as temporalidades da  
paisagem: caminhos para a biodiversidade  
urbana e noturna

Relações de poder no fazer-cidade em  
torno da reforma da orla da Barra, em  
Salvador - Bahia (2013-2017)

"Caminhos do Romântico" no Porto e os  
Impactos na Percepção Ambiental com a  
Implementação da Ponte Ferreira: Uma  
perspectiva da Neurociência Aplicada ao  
Urbanismo

A qualificação do espaço público na Área  
Metropolitana de Lisboa (1998-2023):  
peças de um Atlas, hipóteses para um  
projeto metropolitano

# Secção 1

# Section 1

# Espaço Urbano e Densidade: lições da pandemia

Márcio Moraes Valença

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil (PPGAU-UFRN)

## Resumo

De vez em quando, nas discussões do alargado campo dos estudos urbanos, ressurgem o tema da **densidade** nas cidades. Parece nunca haver um consenso: densidade faz mal, como faz mal também um certo espraiamento da cidade em sua periferia física, ou faz bem como condição para a urbanidade? Com a crise provocada pelo novo coronavírus, no início de 2020, o tema da densidade voltou à pauta. A densidade, neste contexto, passou a ser vista como a origem de todos os males por desfavorecer o distanciamento social. Obviamente que não o é, pelo menos não necessariamente, e é isso o que será discutido ao longo deste ensaio.

32

## Abstract

33 From times to times, the discussion of **density** in cities re-appear in the wide field of urban studies. It seems that there is never a consensus about it: is density bad, as is a certain spreading of the population in peripheric regions of the city? Or, on the contrary, is density a welcome condition to build urbanity? In the context of the coronavirus pandemic, early in 2020, the discussion came back to the fore. Density was then seen as the origins of all evils as it disfavoured social distancing. But density is not that, not necessarily. This is what will be discussed in this essay.

## Apresentação do tema

De vez em quando, nas discussões do alargado campo dos estudos urbanos, ressurgem o tema da **densidade** nas cidades. Parece nunca haver um consenso: densidade faz mal, como faz mal também um certo espraiamento da cidade em sua periferia física, ou faz bem como condição para a urbanidade? Com a crise provocada pelo novo coronavírus, no início de 2020, o tema da densidade voltou à pauta. A densidade, neste contexto, passou a ser vista como a origem de todos os males por desfavorecer o distanciamento social. Obviamente que não o é, pelo menos não necessariamente, e é isso o que será discutido ao longo deste ensaio.

34 O que é cidade? A literatura é extensa, e as definições são inúmeras (ver Benevolo, 1997; Munford, 1965). Num esforço de simplificação, a cidade é, antes de tudo, um ponto de encontro. Encontro é afeito a proximidade, não a distanciamento. É a partir do encontro que todas as atividades políticas, econômicas, culturais, sociais, desportivas, festivas, religiosas, familiares — o que quer que sejam, considerando que várias dessas categorias são parcialmente sobrepostas — se desenvolvem. A cidade é uma aglomeração; um agrupamento de gente, de edifícios, de ruas, de equipamentos e de atividades diversas. A cidade é a diversidade e, por isso, uma incubadora de criatividade e inovação que, bem ou mal, impulsiona o futuro.

A cidade **moderna** caracteriza-se pela generalização da propriedade privada e por nova estruturação da relação cidade-campo. O crescimento acentuado das cidades está relacionado com a industrialização moderna, a modernização do campo e a consequente

migração campo-cidade, que se acentuou no século XX, principalmente em sua segunda metade. Em muitos países, em especial aqueles em desenvolvimento, tal urbanização (neste contexto tardia) foi associada, inicialmente, à maior oferta de trabalho nas cidades e, mais tarde, a partir do final do século XX, à completa falta de oportunidades no campo (Hall, 1988; Davis, 2006). Muitas cidades cresceram e tornaram-se densas — de gente, de edifícios, de infraestruturas, de serviços, ... —, com todas as virtudes e mazelas que daí poderiam advir.

### Densidade urbana — virtudes

Densidade urbana pode ser muitas coisas; pode ser bom para uns, ruim para outros; ser bom aqui, ruim ali; ser bom hoje, não ser amanhã. Tudo depende de circunstâncias e condições de várias ordens — sociais, econômicas, de infraestrutura —, em constante mutação. Depende também do ângulo, da abordagem, da lente que se utiliza, de como se olha para a questão.

No final de março de 2020, ainda cedo no processo de espalhamento da SARS-COV-2 no Brasil, em entrevista para o UrbanData-Brasil (Valença, 2020), a questão da densidade foi apontada como fator potencial de agravamento da crise do novo coronavírus, então ainda pouco evidente no país, em particular nas áreas carentes. Não se tratava, porém, de qualquer densidade. Quarentena, isolamento e *lockdown*, as medidas implementadas mundo afora para conter o espalhamento do vírus, não necessariamente promovem o distanciamento social. Na ausência de outras condições necessárias, em algumas situações, essas ações podem agravar o problema, quer dizer, podem levar o vírus para

a proximidade da rua e para dentro da casa. Tudo isso pode ser dito, em particular, sobre qualquer país em que a condição de pobreza urbana signifique maior adensamento urbano, no interior da moradia, no espaço público do entorno e nas condições de mobilidade. Um estudo de Chen *et al.* (2023), realizado durante e após o fim da pandemia, chega a conclusões similares em relação a Manila, capital das Filipinas.

No entanto, a literatura acadêmica é cheia de exemplos que ressaltam a necessidade de haver densidade, em alguma medida, para gerar uma aglomeração que justifique o surgimento ou a criação de urbanidades. Urbanidade é uma palavra que conceitualmente se refere sempre a alguma condição positiva, boa, necessária para que as pessoas possam viver bem em sociedade. Urbanidade existe no espaço público e nas formas de convivência entre as pessoas nesse espaço. Políticas urbanas são necessárias para a transformação de áreas densas, ativas e potencialmente vibrantes em áreas agradáveis para o encontro; para o caminhar lento; para o cruzamento dos vários tipos/modais de transporte; para a circulação de bicicletas, cadeirantes, carrinhos de bebê, patinetes e similares; para a viabilização do comércio local; para a animação das ruas; para a permissão da presença e da expressão da arte de rua.

Gehl (2013) salienta ser necessário resgatar a dimensão humana das cidades no planejamento urbano: planejar cidades seguras, sustentáveis, saudáveis e repletas de vida; planejá-las para as pessoas, não para os automóveis. Construções de ciclovias, ruas exclusivas para pedestres, calçadas alargadas e mobiliário urbano, entre outras, são medidas necessárias para atingir esses objetivos,

convidando as pessoas para a convivência e a permanência na rua e no espaço público, em geral, e mudando o padrão de uso desses espaços. A presença menor de automóveis em circulação em certas áreas da cidade significa também menos tráfego, menos ruído e menos poluição. A escala é também uma condição importante. A escala deve ser adaptada à extensão do movimento, da visão e da velocidade durante o trajeto, se houver um. Então, a lógica para um planejamento de uma cidade voltada para as pessoas é construí-la da menor para a maior escala, e não o contrário, como foi e tem sido feito há décadas. Contudo, é preciso criar coesão, sem a fragmentação das partes.

O andar lento e a qualidade ambiental, cultural e lúdica do percurso são condições necessárias para as cidades, segundo Salingaros (2017). É preciso ajustar o percurso à escala do sensorial, ao olhar tanto de quem vai na rua quanto de quem se encontra nos edifícios lindeiros. Os edifícios têm de interagir com a rua, não de se esconder atrás de muralhas. Olhar, ouvir e sentir sensações prazerosas de cheiro, tato, cor, som, história e arte podem conectar as pessoas com a cidade. Detalhes nas fachadas dos edifícios e objetos no espaço público, como pequenos jardins e mobiliário urbano, são vistos e apreciados. Quem anda e observa os objetos e a natureza de onde passa é porque se sente atraído por eles; por isso, calibra o passo, demonstra interesse e admiração, demora-se. Essa condição é uma espécie de alinhamento de forças ambientais, cujas características são o fluxo, a coerência e a completude. Para Salingaros (2017), para que isso possa existir por meio de um novo design adaptativo, há três condições a serem necessariamente atendidas: a tectônica dos

volumes, na qual as partes se relacionam entre si; a conexão emocional com os espaços (detalhes, superfícies, arredores); e, por fim, a coordenação e a integração dos componentes do design, dos espaços e de seus usuários. A variedade de formas e detalhes deve ser preferida às repetições monótonas. Cria-se, com isso, um ambiente "emergente", que pode tornar-se autônomo, no sentido de que ganha vida própria, deixando de haver necessidade de mais interferências de cima para baixo. A ideia é sempre a de reunir as pessoas, não a de afastá-las umas das outras.

Koolhaas (2008) estrutura o seu conceito de **cultura da congestão** partindo do pressuposto de que há densidade suficiente, uma hiperdensidade, que justifique a movimentação, a mistura e a combinação de atividades humanas. Ele diz ser a cultura da congestão a riqueza da modernidade. Ela é a condição metropolitana, também chamada de manhattanismo. Embora centre a sua análise na forma como Manhattan foi constituída, com sua retícula de ruas e quadras e seus arranha-céus, ele diz que tal condição extrapola os limites de Nova York. A hiperdensidade proporciona a oportunidade de constituir bairros, quadras, blocos e edifícios relativamente autônomos, que são como "cidades dentro da cidade", com sobreposição de funções. Gehl (2013), Salingeros (2017) e Koolhaas (2008) são apenas três dos muitos autores importantes que insistem no tema da densidade como condição necessária às cidades (e das metrópoles). As análises desenvolvidas por esses três autores fundamentam-se ou inspiram-se no trabalho seminal de Jane Jacobs.

Opondo-se ao planejamento modernista, que criou cidades desumanas com estruturas artificiais de grandes avenidas, elevados,

pontes e viadutos, Jacobs (2000 [1961]) inaugurou a discussão sobre a densidade com o seu livro *Morte e vida de grandes cidades*, também estruturando a sua análise no caso da cidade de Nova York, mas em referência às grandes cidades americanas em geral. Ela argumenta que a cidade se beneficia da densidade quando, associada a ela, há também a mistura de usos. A cidade precisa ter vida de dia e de noite. O zoneamento urbanístico modernista havia criado centros comerciais e outros espaços monofuncionais que ficavam desertos à noite. Os deslocamentos rápidos por automóvel, além dos problemas de tráfego e de poluição sonora e ambiental, tiram da rua, das calçadas e dos parques os transeuntes, os encontros fortuitos, empobrecendo as trocas de experiências sociais e culturais e desfavorecendo os negócios, em particular os pequenos. A mistura de usos permite à cidade a sua vitalidade e a sua segurança.

Jacobs (2000) argumenta que há quatro condições — por ela denominadas **geradores de diversidade** — que são necessárias para garantir a vitalidade das ruas e dos espaços públicos e a eficiência econômica nas cidades. A primeira é a combinação e a presença dos usos principais (residencial, comercial, de serviços, industrial), se possível mais de dois, no bairro. Deve haver uma predominância de pequenos negócios nos bairros mistos, junto com a função residencial, o que permite as pessoas saírem à rua em horários diferentes, maximizando a utilização das infraestruturas públicas. A segunda condição é a constituição de quadras curtas, pois a cidade precisa de esquinas e distâncias caminháveis. A terceira é a existência de edifícios de variadas idades, formatos, escalas, estados de conservação,

permitindo, assim, que pessoas com diferentes perfis sociais e níveis de renda se estabeleçam no bairro, como moradores ou como profissionais. A quarta e última condição é a densidade alta de pessoas, incluindo — principalmente! — os moradores.

Concluindo sua reflexão, ela afirma:

*Não pode haver bem algum para as cidades ou para seu desenho, seu planejamento, sua economia ou sua população na suposição emocional de que uma grande densidade populacional é, em si, indesejável. Do meu ponto de vista, é um trunfo. O objetivo é promover a vida urbana da população urbana, abrigada, esperamos, sob concentrações bastante densas e bastante diversificadas para possibilitar-lhe uma oportunidade viável de desenvolver a vida urbana (Jacobs, 2000, p. 244).*

Para Jacobs (2000), a densidade urbana é condição fundamental — mas não única ou de qualquer jeito — para a cidade tornar-se o *ponto de encontro* que tem de ser e para estabelecer-se como urbanidade.

### **Densidade urbana e a pandemia — diversidade causal**

Reagindo a posicionamentos que negam a densidade como virtude para a cidade pós-pandemia, vários trabalhos, não só acadêmicos, mas também técnicos e jornalísticos, passaram a analisar a questão e desconstruíram a noção de que a densidade foi a causa da disseminação da doença no mundo. Talvez, uma das evidências mais contundentes contra essa linha de raciocínio sejam os altos índices de contaminação no estado do Amazonas, no

Brasil, ou em distantes vilarejos nas Filipinas. Há, assim, muito mais a ser considerado. O alastramento do vírus, no início na pandemia, parecia acontecer apenas em clima frio; depois, apenas nas grandes cidades; mais tarde, apenas nas áreas mais densas. O próprio vírus se encarregou de destruir todas essas pressuposições apressadas, feitas sem a necessária base científica. O vírus, que chegou de avião e instalou-se nas grandes cidades e bairros mais ricos, onde residem os viajantes mais frequentes, migrou depois para as áreas mais pobres das grandes cidades, demais cidades menores e regiões mais remotas. Assim, em várias partes do mundo, como nos EUA e no Brasil, não demorou para o vírus atingir pequenas cidades do interior, áreas rurais e comunidades indígenas.

Desde cedo, durante o seu desenvolvimento, a pandemia provou ser tão avassaladora em ambientes densos como não densos. A pandemia, que teve seu início oficialmente decretado em 11 de março de 2020, só iria chegar ao fim, segundo a Organização Mundial de Saúde, em 5 de maio de 2023, após se desenvolver em várias "ondas". O desenvolvimento da vacina e a sua aplicação em várias doses foram medidas cruciais para o controle da epidemia, além das várias medidas sanitárias de saúde pública. Não obstante, diante do novo coronavírus, muitos acadêmicos passaram a negar os atributos positivos da densidade. A pandemia trouxe as centenas de *lives* e outros tantos *vídeos* que passaram a circular freneticamente nas redes sociais. Muitas das matérias que proliferaram nas redes sociais e na *web*, embora ainda em muito especulativas, foram por demais incisivas em suas conclusões. Os "analistas" de plantão trataram da questão, uns com mais e outros com menos

veemência, apressando-se em apresentar resultados fatídicos. Há sempre um problema em abordar um tema novo, como o de uma doença sobre a qual pouco se conhecia e cujo alastramento ainda estava em desenvolvimento. Talvez por isso, a densidade foi vista, por muitos e neste contexto, como a vilã do espraiamento da doença nas grandes cidades.

Sennett (2020) é cauteloso, porém dúbio, ao discutir a questão da densidade. Ele argumenta que o que chama de **arquitetura da densidade** deve ser repensada. Ele é um conhecido entusiasta e estudioso dos espaços públicos e reconhece que a densidade é a *rationale* própria das cidades. É estimulante à atividade econômica, por meio do efeito de aglomeração; é boa como princípio ecológico, já que racionaliza a utilização dos recursos aplicados em infraestrutura; e é boa socialmente por gerar uma cidade diversa. O autor, no entanto, parece colocar em discussão a relevância da densidade ao afirmar que "para prevenir ou inibir futuras pandemias, nós podemos precisar encontrar diferentes formas físicas de densidade" (todas as traduções são livres). Ele sugere que uma boa solução seria encontrar um correspondente contemporâneo para os antigos pátios internos dos *shikumen* chineses; estranha proposta porque isso já há em "vilas" urbanas ou "correr-de-casas" e similares em bairros operários/populares (na cidade do Porto, por exemplo, as "ilhas") e nos gentrificados condomínios fechados e outros empreendimentos das elites com suas exclusivas áreas de lazer, salões de festas e outros equipamentos do mesmo tipo. Ele também vê um problema nos transportes de massa e argumenta que esses devem passar a ser menos necessários e que as pessoas deveriam se acostumar a caminhar

distâncias de 15 minutos (ideia muito em voga entre os estudiosos da mobilidade urbana), o que equivale a aproximadamente 1,5 km. Desconsidera a realidade dos países, tanto os do Norte quanto, e principalmente, os do Sul global, em particular os deslocamentos das enormes massas de trabalhadores mais pobres. Não obstante o cosmopolitismo e o egocentrismo de classe média de suas propostas, ele reconhece que os trabalhadores, em particular os que executam trabalho manual, são mais expostos a pandemias por exigência da presença física ao trabalho (Sennett, 2020).

Um estudo que analisou rigorosa e estatisticamente os dados da situação no Brasil até o início de junho de 2020 encontrou correlação entre tamanho da população/densidade e a incidência da contaminação, o que não é inesperado. A transmissibilidade da doença ocorre pelo contato social permitido pela conectividade social, que é maior nas cidades e em suas áreas mais densas. Por isso, "O enfrentamento da pandemia demanda limitar esse contato" (Netto *et al.*, 2020). Daí, como já indicado, as medidas de isolamento, quarentena, *lockdown* e distanciamento social, com a suspensão das atividades econômicas, das escolas, das universidades, dos jogos de futebol, dos restaurantes, enfim, atividades em que predomina a proximidade física entre as pessoas.

Há outros aspectos referentes à doença que precisam ser considerados, como a densidade que diz respeito a cada moradia ou ambiente de trabalho ou meio de transporte. Também devem ser considerados aspectos agravantes relativos à infraestrutura urbana, em particular o saneamento, mas isso não parece ser relevante em casos como os da Itália,

da Espanha, da Grã-Bretanha, da Suécia, da Suíça, dos EUA e de outros países ricos afetados fortemente pela pandemia. Aspectos gerais sobre a saúde da população, comumente relacionada com o sistema público de saúde, a nutrição, as práticas saudáveis, entre outros, devem ser também considerados. Constam em explicações, por exemplo, sobre os motivos de a letalidade ser menor em países como o Japão, onde o índice de obesidade é consideravelmente baixo e, alegadamente, os padrões de disciplina e de higiene pessoal são diferenciados. A efetividade das medidas drásticas de *lockdown* é também associada à natureza autoritária e ao controle de certos regimes políticos, como o da China, mas em Manila as medidas draconianas de controle à circulação urbana dos pobres tiveram pouca efetividade. O uso da tecnologia para rastreamento e controle de infectados foi crucial na Coreia do Sul e em Taiwan. Em outras palavras, as explicações são diversas; referem-se, cada uma, a seus contextos particulares.

Chen et al. (2023), por exemplo, destacam o que chamam de "densidade da network" de recursos sociais como fator decisivo para a contenção e controle da doença, analisando comparativamente as respostas e estruturas públicas e privadas (geralmente do terceiro setor), em Manila, Filipinas, e Taipei, Taiwan. Para eles, é importante considerar "... as formas de apoio, cuidado e solidariedade que poderiam estar em operação por conta de uma rede [network] de pessoas no espaço urbano..." (p. 4). Manila teve um dos mais altos índices de contaminação no mundo, enquanto Taipei teve um dos mais baixos. Não obstante as diferenças de renda e níveis de pobreza, nos dois países, as políticas e o engajamento da sociedade no combate à

pandemia foram completamente diferentes. Nas Filipinas, o governo ditatorial estabeleceu toques de recolher e quarentenas, com respostas violentas da polícia e prisão para os desobedientes. Em sua política de estigmatização dos pobres, também promoveu o retorno de parte da população para suas vilas de origem, o que resultou no espalhamento da doença no interior do país. Em contrapartida, em Taiwan, o uso da tecnologia no monitoramento de viajantes e doentes e de redes de solidariedade teve o resultado inverso. Em Taipei, concluem, a densidade foi tanto uma ameaça quanto um recurso devido à "... vitalidade das redes socioeconômicas" (p. 11).

Em suma, a densidade não se verifica apenas no meio urbano em geral, no bairro, na rua ou na casa. Está em todos os ambientes da vida social que interessam a todas as pessoas, casos em que também recebe o nome de **aglomeração**. Está nos shows de música, nos espetáculos de circo, nos festivais... Está nos grandes eventos desportivos, como as copas do mundo e as olimpíadas. Está nos jogos de futebol, nos de basquete, em qualquer desporto, inclusive nos individuais, como nas maratonas ou no tênis. Está nas festas religiosas e profanas, como as procissões, as quermesses, o carnaval, as festas de São João, as de Natal, as que celebram as colheitas; e nas festas cívicas, como desfiles de independência e outras celebrações mundo afora. Está nas festas familiares: churrascos, aniversários e casamentos. Está naquele mais respeitado de todos os eventos familiares e cívicos: o funeral de familiares, amigos, autoridades e personagens públicas. Está nos festivais, nas paradas, nas feiras temáticas. Está nas praias, nos cinemas, nos shoppings e em suas praças de alimentação, nos restaurantes,

nos bares, nos clubes, nos *food parks*... Está no comércio de rua e nas ruas de comércio. Está nas feiras de rua. Está nos templos e em todas as manifestações religiosas. Está nas salas de aula das escolas e das universidades, nos ambientes de trabalho das grandes corporações e nas salinhas das pequenas empresas. Está no transporte público: ônibus, trens e metrô lotados. Está nos aeroportos e nas aeronaves. Está nos protestos e nas manifestações de rua. Essas são outras formas de densificação, aglomeração e proximidade social que não deixarão de existir. Então, a discussão sobre a densidade urbana, no contexto da pandemia, tem de ser mais bem qualificada. Não cabe negar a cidade e seus atributos.

## **Densidade — diferentes escalas da vida urbana e social**

Para discutir densidade urbana, deve-se estabelecer a **escala** para observação. O desenho e a disposição das ruas, as larguras das calçadas, os espaços públicos, praças, parques e jardins, tudo isso pode ser diferente em cidades e áreas com a mesma densidade demográfica, a depender de aspectos como a verticalização, densidade residencial e tamanho médio das moradias. Tomando como exemplo o cenário criado pela pandemia, por serem similares ou mesmo idênticas as densidades demográficas de duas áreas distintas, não quer dizer que a incidência e o impacto de COVID-19 sobre cada uma delas deva ser a mesma. A largura das ruas e das calçadas e a quantidade e densidade de pessoas em circulação nos espaços públicos são aspectos que também merecem consideração. Dizem respeito à vida da (e na) rua. Da mesma forma, nos distritos de negócios e nas áreas comerciais, pode haver situações de maior risco,

como no caso dos amplos escritórios abertos (*open plan office*), onde não há divisões bem definidas entre os espaços de trabalho.

Apartamentos e casas amplos e equipados com vários cômodos possibilitam, se houver necessidade, maior isolamento dos residentes tanto em relação ao exterior quanto internamente. Diferem de situações extremas, porém comuns, de pequenas casas com dois ou três cômodos, que são compartilhadas por pessoas de famílias numerosas. Muitas vezes, há várias gerações de uma mesma família vivendo sob o mesmo teto, ou há estudantes que dividem quartos e cômodos de uma mesma residência ou de uma república ou até mesmo de um único dormitório; há ainda os que vivem, mesmo que temporariamente, nos lares de idosos, nas casas de passagem, nos hospitais de doentes crônicos e similares. As densidades internas (número de moradores por metro quadrado, número de moradores por cômodo, número de moradores por quarto) são talvez as medidas de maior interesse para a análise dos impactos da pandemia no contexto da moradia. A ideia de congestionamento (*crowding*) deve ser considerada quando medidas de isolamento e quarentena são adotadas para conter o espalhamento da doença. A combinação de ruas estreitas, casas densamente ocupadas, transporte público lotado e exposição de parte da classe trabalhadora ao vírus por conta de seu engajamento ao trabalho nas chamadas atividades essenciais, como também as saídas esporádicas para aquisição de alimentos e outros bens necessários pode ser um vetor da contaminação de toda a família. Há também a possibilidade, em todas as classes sociais, da não adesão ao distanciamento/isolamento e às regras de proteção pessoal, o que pode

também ter favorecido o espalhamento da doença.

Enfim, embora a densidade de um bairro ou de uma área da cidade possa ser a mesma, a distribuição e a disposição da população sobre o território, em cada edificação e nas unidades residenciais, podem ser diferentes. Verticalização, exposição à rua, condições econômicas e sociais de deslocamento e distanciamento dentro e fora de casa, espaço público da rua e das calçadas, disposição e tamanho dos cômodos internos da casa e do ambiente de trabalho, densidade interior, coabitação, proximidade, aberturas, salubridade, número de sanitários, disposição de lixo e esgotos, cuidados com as áreas externas, tudo isso é de interesse para esta discussão. São muitas as variáveis.

### **Pandemia — opinião sem densidade**

Nos primeiros meses da pandemia, foram publicados, por conhecidos intelectuais (filósofos, geógrafos, sociólogos, cientistas políticos, economistas, arquitetos), em jornais, blogs, livros e outros meios, textos discorrendo sobre a pandemia e o futuro da sociedade e da cidade. Penso que, embora de interesse geral, muitos deles constituíram análises incompletas. Elas justificam a apresentação de opiniões pessoais, por meio das quais os seus autores tentam algum tipo de alinhamento com o próprio perfil intelectual que construíram ao longo dos anos. De alguma forma, veicularam os seus desejos e suas esperanças mais íntimos de construção de um mundo melhor, o que é venerável. Nenhum dos importantes autores que serão mencionados abaixo se referiu à questão da densidade na busca da solução do problema.

Slavoj Žižek (2020a) diz que, após claras e paranoicas demonstrações de racismo e xenofobia expressas em *fake news* sobre possível queda do governo comunista na China, a crise promovida pela COVID-19 abriu alas para um ataque contra o próprio capitalismo global. A crise desenha novas "formas de cooperação e solidariedade globais", apontando para a possibilidade da "reinvenção do comunismo". Em outro artigo (2020b), o mesmo autor argumenta que não estamos todos no mesmo barco. A "nova" classe trabalhadora, diferente da tradicional classe de trabalhadores industriais, é genérica, racializada e etnicizada. É superexplorada, mais propensa à demissão e está mais exposta à pandemia. Muitos desta classe são os que estão no pelotão de frente nos serviços essenciais. Giorgio Agamben (2020) chega a sugerir ser a pandemia em muito inventada e diz tratar-se de uma conspiração do Estado, o qual, por meio de alarmismo e indução ao pânico coletivo, impõe medidas restritivas às liberdades individuais, estado de exceção, militarização, vigilância. Ele parece ter mudado de opinião mais tarde quando a epidemia foi agravada na Itália. Richard Sennett (2020) preocupa-se com a possibilidade de que as medidas restritivas, tomadas por razões sanitárias, possam servir de justificativa para a efetivação de maior controle social do Estado sobre os cidadãos, após a resolução da crise, como já foi visto, anteriormente, em períodos de guerra. Mike Davis (2020) culpa o desinvestimento na saúde nos EUA e a visão monopolística das empresas farmacêuticas, que só investem visando lucros expressivos, pelo caos instalado no país com a crise da COVID-19. A desigualdade no atendimento no sistema de saúde americano é gritante, e o isolamento em quarentena é apenas para

quem tem o privilégio de poder permanecer em casa. Boaventura de Sousa Santos (2020a) diz haver a naturalização da exceção. No capitalismo financeiro, a crise é permanente e serve como causa e justificativa para tudo, de cortes orçamentários até cortes nos salários, privatizações... O objetivo é que a crise não seja resolvida, legitimando a maior concentração de riquezas. A pandemia quebra esta lógica e expõe os reais motivos das desigualdades. As sociedades são capazes de adaptar-se ao novo contexto, o que serve também como uma "cruel pedagogia". Num tom mais otimista, o pensador português argumenta ser possível nesse contexto que haja propostas de alternativas, mas a sua concretização vai depender de ação política. Num tom mais pessimista, diz que, na primeira oportunidade, as pessoas irão correr para as ruas e tentar restabelecer as rotinas de antes (as mesmas rotinas que elas achavam monótonas e pesadas). Assim foi!

Talvez, o mais lúcido comentário sobre a pandemia e a vida pós-pandemia seja o de Edgar Morin (2020), pensador francês da teoria da complexidade, nos seus (então) quase 100 anos de vida. Nada está determinado *a priori*, diz. Haverá cooperação coordenada, como no contexto do pós-segunda guerra? Surgirão novas ideias revolucionárias ou haverá a continuidade da "regressão generalizada"? A saída do confinamento será uma saída ou o agravamento da crise? Em sua concepção,

*[...] um confinamento duradouro será cada vez mais vivido como um impedimento. Os vídeos não vão substituir por muito tempo a ida ao cinema [...]. O Skype e o Zoom não substituem o contato físico, o tilintar do copo que brindamos.*

*Mesmo que seja excelente, a comida caseira não elimina o desejo de ir a um restaurante (Morin, 2020).*

A epidemia produz um "festival de incertezas". Há "forças do pior e do melhor" em operação, estas últimas "debilitadas e incertas". A esperança é pelo "retorno a uma estabilidade passada", mas "a crise nos leva a perceber as carências de solidariedade". E recomenda: "Espere pelo inesperado"!

### **Depois da pandemia, o novo anormal — a título de fechamento**

Nenhum dado sistemático foi apresentado neste ensaio. Mas tudo o que foi escrito pode ser verificado nos trabalhos mencionados e nos dados divulgados pelos órgãos oficiais em rápidas pesquisas na internet. A ideia, neste ensaio, era de apresentar uma argumentação sobre o papel e a necessidade da densidade para a vida urbana e especular sobre as explicações existentes de como ela se relaciona com a pandemia. A pandemia do novo coronavírus — agora já velho — teve efeitos sociais, econômicos, políticos, psicológicos, científicos e urbanísticos graves. Teve efeito na saúde de quem foi por ela afetado, na vida social das famílias que sofreram com a morte de pessoas amadas, na saúde pública, na vivência urbana. Deixará ainda traumas e lembranças dolorosas para a geração atual.

A pandemia veio sem avisar e, depois, se foi. Não havia — pelo menos para as pessoas comuns — como prevê-la. Uma vez instalada, também não se sabia se haveria consequências drásticas e irreversíveis, boas ou más, para a humanidade no pós-pandemia. Por outro lado, não demorou para ficar evidente que não haveria qualquer mudança significativa na natureza do capitalismo, nas

relações sociais, na vida urbana, ou mesmo no trato pessoal na vida em sociedade. Tudo seria igual ao que sempre foi, com pequenos ajustes, no primeiro momento, nos comportamentos das pessoas quando em público, até a memória da pandemia se dissipar aos poucos com o tempo. Tudo iria mudar um pouco porque sempre muda, mas não haveria uma quebra radical dos parâmetros e padrões já existentes. O desenvolvimento da tecnologia da informação, da *big data* e da inteligência artificial talvez sejam fatores mais determinantes de mudanças no curto prazo. A pandemia estabeleceu (ou acelerou este processo) o hábito e a possibilidade do trabalho remoto, de casa, das sistemáticas reuniões e eventos online. A tecnologia para isso, certamente, já estava desenvolvida, mas sua disseminação e utilização foi acelerada e viabilizada no contexto da pandemia.

Em muitas cidades americanas, a ideia de que a vida urbana e as altas densidades demográficas foram vetores da infecção levou muitas famílias mais abastadas a considerarem a mudança para áreas mais distantes, fora dos limites da cidade, ou a aquisição de uma segunda residência. A ideia de construir novas utopias (anti)urbanas, como as que haviam sido propostas no início do século XX, retorna à agenda dos empreendedores imobiliários. Mas, se a provisão de subúrbios para todos seria antiecológica (com a dispersão e a subutilização da infraestrutura/dos serviços e o espalhamento da vida humana sobre o planeta), apenas para os poucos mais abastados seria elitização. Dessa forma, os ricos podem se proteger ainda mais — como o fizeram, em meados do século XIX, na Grã-Bretanha e em outros países europeus (Engels, 2010 [1845]; Hall, 1988), e, nas décadas de virada

entre os séculos XIX e XX, nos EUA e no Brasil com todas as mazelas epidêmicas de então. Como sempre fizeram, os agentes do mercado imobiliário desenham e oferecem novas soluções exclusivas, com condomínios mais distantes, espaçosos, com heliportos e outros equipamentos. Há casos de construção de novos edifícios urbanos com maior número de elevadores, até elevadores exclusivos (lembro-me do protagonista de *Cosmópolis*, de Don DeLillo) ou elevadores mais espaçosos com potente exaustão, filtragem e renovação de ar, entre outros recursos.

Os espaços públicos não sofreram alteração por conta da pandemia, mas continuaram os processos de privatização que os tornaram mais flexíveis, mais amplos, mais protegidos e mais exclusivos (melhor dizendo, os que são voltados para os ricos), acompanhando tendências já há muito experimentadas nos EUA, na Grã-Bretanha e em outros países europeus, com privatizações de praças e parques. Os transportes de massa, se mudaram, mudaram pouco. Em alguns casos, passaram a ser melhor dispostos e disciplinados. Mas é possível que, no futuro próximo, haja, no caso dos trajetos de longa distância, o recrudescimento das áreas de primeira classe ou classe executiva. Enfim, é crescente o processo de autossegregação e gentrificação e de desigualdade na distribuição dos benefícios públicos na cidade, segundo novo desenho que para muitos parecerá ser o que não é, ou seja, algum avanço democrático na qualidade dos serviços prestados a toda a população.

As pessoas da pós-pandemia são as mesmas de antes; não são de uma nova geração. Elas estavam cansadas da pandemia e ansiosas para sair às ruas e voltar às suas vidas de antes. As cenas das multidões nas praias e

nos shoppings em cidades do mundo inteiro ao menor sinal de abertura das quarentenas assim sugeriram. Não estavam preocupadas com alguma lição que a "natureza" lhes impôs ou alguma nobre discussão sobre como todos poderiam ser mais solidários e mudar o mundo, em particular, a pobreza e o meio ambiente. Assim, para as pessoas mais pobres, nunca haverá um "novo normal", como se convencionou chamar o mundo pós-pandemia, seja lá o que isso queira dizer. Esse termo infeliz se referia ao que viria após a pandemia. Já foi igualmente utilizado em referência ao mundo pós-crise financeira de 2008. O mais realista é, no entanto, pensar que há, talvez, um *novo anormal*, que é a expansão e o acirramento da condição em que sempre se encontraram os pobres.

Pós-pandemia? Deve-se preparar para outra? Ninguém sabe o que poderia motivar uma próxima crise. Será outro vírus mortal? Será o espalhamento pandêmico do terrível vírus Ebola que, já mais de uma vez, incidiu no oeste africano, com taxas de letalidade não encontradas em qualquer outro cenário viral? Será alguma tragédia ambiental mais ampla, como a que se anuncia com o buraco na camada de ozônio ou o aquecimento global com o crescimento do nível das marés, ou mesmo com o acirramento dos eventos climáticos (maior número de furacões e tornados mais potentes; períodos de secas mais severos; temperaturas mais altas no verão, mais baixas no inverno; derretimento das calotas polares; grandes cheias como a que aconteceu no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, em 2024)? Serão as catástrofes geológicas, como terremotos e tsunâmis? Será algum conflito atômico ou químico, com graves consequências em termos de perdas

humanas e de contaminação ambiental? Será a consequência da exposição a ondas sonoras, eletromagnéticas e de radiação? Virá na forma de uma **nuvem tóxica**, como em *Ruído Branco*, de Don DeLillo?

Quem sabe a próxima crise será tão imprevisível e inesperada quanto a da COVID-19 e terá a forma da epidemia de cegueira — a *treva branca* ou *mal-branco* — do *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago? Nesse romance, toda a população de um país é acometida de uma cegueira, exceto uma única mulher. A vida se transforma numa barbárie. Sem eletricidade, sem água, sem transportes e sem governo, o caos se estabelece. Hordas de cegos vagam pelas ruas em busca de alimentos; invadem casas e apartamentos, lojas; brigam e matam. Matilhas de cães readquirem seus instintos primitivos e devoram os corpos dos cegos mortos, caídos nas ruas. Lixo e lama se acumulam por todo lado. A única mulher que enxerga lidera um grupo de apenas sete pessoas que tenta sobreviver nesse contexto. No prédio do antigo hospício onde o grupo havia sido posto em quarentena, eles tiveram de lidar com agressões, mortes, fome, sujeira, dor. Sob pressão, a mulher assassinou, com tesouradas no pescoço, o líder de um bando de cegos que passou a comandar o recinto. O bando submetia os demais cegos a todo tipo de humilhações, como o estupro de mulheres. Ela vê tudo; conta ao marido médico, mas revela pouco para os demais membros do grupo de tão assustador que é o que vê. No livro, todos — pobres e ricos — se tornam iguais na cegueira; mas o egoísmo e a falta de solidariedade impedem qualquer possibilidade de organização social. Depois de tantas revelações sobre a natureza humana, de repente,

todos recuperam a visão da mesma forma que a perderam: sem explicação ou causa identificada. O grupo se desfaz tão logo todos recuperam a visão, cada um retornando à sua rotina. No diálogo final, na última página, a mulher e o marido médico concluem: "Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem".

O cinema é repleto de filmes que tratam de grandes desgraças que atacam e destroem o planeta. O filme *Contagion* (Steven Soderbergh, 2011) talvez seja o que mais se assemelhe à situação da pandemia de COVID-19. *Snowpiercer* (Bong Joon-ho, 2013), do mesmo diretor do aclamado *Parasita* (2019), é um filme distópico sobre o congelamento do planeta. Todos os sobreviventes encontram-se num trem autossuficiente que dá voltas no planeta, sem nunca poder parar, furando a neve que se acumula sobre os trilhos. Dentro do trem, ocorre uma disputa, uma luta de classes, entre aqueles miseráveis que vivem nos vagões de trás e os privilegiados ricos que usufruem da boa vida nos vagões da frente. *Mad Max* (George Miller e George Ogilvie, 1979) e sequência (filmes que se tornaram uma franquia multimídia), revelam um mundo pós-apocalíptico, sem ordem, sem governo. Há uma disputa sobre um território desértico devastado à procura de alimentos, combustível e outros itens. A sociedade é dominada por toda sorte de desordeiros e bandidos. Max é um policial que persegue uma violenta gangue de motoqueiros assassinos para vingar a morte de seu filho e de sua esposa. Há filmes, como *Armageddon* (Michael Bay, 1998), em que o planeta corre o risco de ser destruído por meteoros; há outros em que terremotos e/ou

tsunâmis farão o mesmo, como *Earthquake* (Mark Robinson, 1974) e *San Andreas* (Brad Peyton, 2015); e há ainda os filmes em que o planeta será invadido por alienígenas de outros planetas, como *Independence Day* (Roland Emmerich, 1996). Há dezenas desses filmes pós-apocalípticos em que a Terra é acometida de ataques diversos, como guerras atômicas, ou tem de lidar com as consequências ambientais do desenvolvimento. Em alguns deles, há a figura heroica de algum ou alguma protagonista que irá salvar a todos nós.

É difícil de dizer quais serão o alcance, a natureza e a característica de disseminação da próxima pandemia/tragédia global (embora seja possível antecipar protocolos de tratamento para milhares de vírus e bactérias nocivos que já foram identificados por cientistas na natureza, mas que ainda não atingiram a população humana). Não sei se é possível se preparar para o próximo "vírus", para a próxima pandemia, para a próxima tragédia. A catástrofe pode ser outra. A vida no planeta já é uma catástrofe para considerável número de seus habitantes, com o aprofundamento da desigualdade social. Essa, cada vez mais, impede que um número crescente de pessoas tenha os recursos para que elas, por si sós, no contexto de uma economia de mercado (não havendo outro), resolvam muitos dos seus problemas, mesmo os mais básicos. Aliás, o problema é o que causa essa desigualdade. E é isso que move o capitalismo. A catástrofe crônica que vivemos são, pois, a pobreza extrema e a falta de solidariedade.

Não faz sentido, portanto, a preparação para a próxima pandemia à semelhança daquela do período 2020-2023. Mas faz sentido preparar a sociedade e a cidade para a volta

à normalidade da vida cotidiana, de uma maneira como sempre deveria ter sido: com hospitais bem equipados, médicos e outros profissionais de saúde bem treinados (quem sabe, reduzindo a mercantilização e a elitização do setor), escolas bem equipadas com professores e demais profissionais bem-preparados, assistência social, medidas de bem-estar. Mais importante: para quem não tem emprego, é preciso haver renda suficiente para não ter de lutar apenas pela vil sobrevivência diária; é preciso haver alimento para o corpo e para a alma. São necessárias cidades arejadas, com múltiplas possibilidades de mobilidade e de experimentação. Por fim, embora não exista a possibilidade de um novo normal, poderá existir um novo anormal muito pior do que já é, se persistirem os problemas de distribuição de renda e de riqueza na sociedade contemporânea; ou um bem mais ameno, se houver bom senso e mudanças estruturais na condução das políticas econômicas, sociais e urbanas, mundo afora. Nada disso seria "revolucionário", como sonha Žižek (2020b), mas já seria um grande avanço e um alento.

Em resumo, a densidade urbana não foi, sozinha, um vetor de contaminação. A densidade é uma das condições básicas da urbanidade e da sociabilização humana. Por isso, qualquer solução para melhorar as condições de vida na cidade deve focar em outras condições — como, por exemplo, o redesenho de espaços públicos — e não nessa que é a razão própria de existirem as cidades. O desafio continua a ser construir uma cidade justa e ambientalmente viável para a convivência de todas as pessoas. O planejamento urbano pode ajudar a produzir espaços públicos de qualidade, flexíveis e adaptáveis; a produzir sistemas

de mobilidade mais racionais e seguros; a desconcentrar empregos e distribuí-los por todo o tecido urbano; a produzir moradia adequada, entre outros. Políticas redistributivas de renda, e as voltadas para a saúde, educação, assistência social e a segurança para toda a população são também necessárias. A construção de uma cidade justa deve ser parte significativa de qualquer política de redistribuição de rendas e riquezas. A cidade como *ponto de encontro* é a cidade que faz emergir a solidariedade.

## **Agradecimentos**

A CAPES e o CNPq, Brasil, têm me apoiado com bolsa e recursos para pesquisa em diferentes momentos. O PPGAU-UFRN e o CES-UC têm sido meus portos institucionais.

## Referências

**Agamben, Giorgio**. (2020). "La invención de una epidemia", in Pablo Amadeo (Ed.), *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. Buenos Aires: Editorial ASPO, pp. 17-19.

**Benevolo, Leonardo** (1997). *História da cidade*. São Paulo: Perspectiva.

**Chen, Hung-Ying, McFarlane, Colin & Tripathy, Pryiam** (2023). "Density and pandemic urbanism: exposure and networked density in Manila and Taipei". *Urban Studies*, 1-18, December.

**Davis, Mike** (2006). *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo.

**Davis, Mike** (2020). "O coronavírus e a luta de classes: o monstro bate à nossa porta". *Blog da Boitempo*, 16 de março. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/16/mike-davis-o-coronavirus-e-a-luta-de-classes-o-monstro-bate-a-nossa-porta/>. Acesso em: 30 abril de 2020.

**Delillo, Don** (1987). *Ruído Branco*. São Paulo: Companhia das Letras.

**Delillo, Don** (2003). *Cosmópolis*. São Paulo: Companhia das Letras.

**Engels, Friedrich** (2010). *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo [1845].

**Gehl, Jan** (2013). *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva.

**Hall, Peter** (1988). *Cities of tomorrow: an intellectual history of urban planning and design in the twentieth century*. Oxford: Blackwell.

**Jacobs, Jane** (2000). *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes [1961].

**Koolhaas, Rem** (2008). *Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*. São Paulo: CosacNaify.

**Morin, Edgar** (2020). *Um festival de incerteza*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin?fbclid=IwAR2H2SYBWf3E3t6U7rWAtm0KbS1bTlg1P0rg0hl0tRAgD5Efdk9wt5hr-rw>. Acesso em: 19 de junho de 2020.

**Mumford, Lewis** (1965). *A cidade na história. Suas origens, suas transformações, suas perspectivas*. Belo Horizonte: Itatiaia [1961].

**Netto, Vinicius M.; Ribeiro, Fabiano L.; Carvalho, Camila Lima e Silva de; Cabral, Victor; Neto, Camilo (2020).** "As cidades na pandemia: o papel do tamanho e da densidade urbana". Disponível em: <https://caosplanejado.com/as-cidades-na-pandemia-o-papel-do-tamanho-e-da-densidade-urbana/>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

**Salingaros, Nikos A. (2017).** *Design patterns and living Architecture*. Portland: Sustasis Press.

**Santos, Boaventura de Sousa (2020a).** "Coronavírus: tudo que é sólido desmancha no ar", in *Blog da Boitempo*. São Paulo, 2 abr. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/02/coronavirus-tudo-o-que-e-solido-desmancha-no-ar/>. Acesso em: 28 de junho de 2020.

**Santos, Boaventura de Sousa (2020b).** *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina.

**Saramago, José (1995).** *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras.

**Sennett, Richard (2020).** "How should we live? Density in post-pandemic cities", in *Domus*, n. 1046, May. Disponível em: [https://www.domusweb.it/en/architecture/2020/05/09/how-should-we-live-density-in-post-pandemic-cities.html?fbclid=IwAR172IHQpHuSHzsAlr8XsqW-GTV3jf\\_aZ\\_V1RiVVRgWR3AiUDd58o9mLYXQ](https://www.domusweb.it/en/architecture/2020/05/09/how-should-we-live-density-in-post-pandemic-cities.html?fbclid=IwAR172IHQpHuSHzsAlr8XsqW-GTV3jf_aZ_V1RiVVRgWR3AiUDd58o9mLYXQ). Acesso em: 10 de junho de 2020.

**Valença, Márcio M. (2020).** *PODCAST #28. Planejamento urbano e adensamento populacional*. Urbanidades – podcast sobre o urbano brasileiro. UrbanData-Brasil / CEM-USP, 3 de abril. Disponível em: <http://urbanidades.podcloud.site/post/planejamentourbanoeadensamentopopulacionalcommarciovalenca>. Acesso em: 10 de junho de 2020.

**Žižek, Slavoj (2020a).** "Bem-vindo ao deserto do viral! Coronavírus e a reinvenção do comunismo". *Blog da Boitempo*, 12 de março. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/12/zizek-bem-vindo-ao-deserto-do-viral-coronavirus-e-a-reinvencao-do-comunismo/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

**Žižek, Slavoj (2020b).** "A pandemia e a nova classe trabalhadora". *Blog da Boitempo*, 01 de maio. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/01/zizek-o-1o-de-maio-em-um-mundo-viral/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

Valença, Márcio Moraes (2026). "ESPAÇO URBANO E DENSIDADE – lições da pandemia". *Revista Espaço Público | Public Space Journal*, Vol. 1 N. 1, pp. 32-50. <https://www.up.pt/revistas/index.php/rep>. DOI: <https://doi.org/10.34626/esp.v1i1.1030>